

## Ensino de história em poucas palavras: questionamentos, inquietações e abertura crítica

Edson Silva de Lima<sup>1</sup>

FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de Oliveira (Org.) Dicionário de ensino de história. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. 248p.

É sabido que os manuais de história da historiografia ou dicionários conceituais têm um papel fundamental na formação de jovens cientistas das humanidades, seja nas cadeiras de graduação ou pós-graduação. É fundamental acentuar que essas obras têm funções específicas: colaborar para expansão de uma rede epistêmica para que possa permitir a ampliação do debate de certos temas, campos, áreas a partir de comentadores; e também possibilitar, com base nessas leituras, o aprofundamento em uma linha de pesquisa ou interesses. De modo que entre alguns manuais indispensáveis a formação historiadora, para ser mais específico, estão no hall das obras que não podem ser

*Teoria & história: tempo histórico, história do pensamento histórico* (1991) organizado por Ciro Flamarion e Ronaldo Vainfas;

---

<sup>1</sup> Doutorando em história – UNIRIO

*ocidental e pensamento brasileiro* (2012) e *As identidades do Brasil* (1999) em três volumes de autoria de José Carlos Reis; *O Campo da história: especialidades e abordagens* (2005) de José d'Assunção de Barros entre outros, apenas para ficarmos entre os brasileiros. Poderíamos discutir o valor explicativo ou, ainda, como definiríamos a categoria de manual ou manual de ciências humanas e ciência histórica; o que não convém aqui.

Esse prelúdio tem uma intenção medular. Enquanto leitores atentos a produção desse material historiográfico e também didático, nos deparamos com o lançamento do livro *Dicionário de Ensino de História* (2019) coordenado pelas historiadoras Marieta de Moraes Ferreira e Margarida Maria Dias de Oliveira. Segundo as organizadoras, essa obra nasceu com a finalidade de ser um “suporte para os mestrandos” (p.9) do Mestrado Profissional em História (ProfHistoria), programa voltado à formação continuada de professores da educação básica. Mas não se encerra aí. Ela “procura atender a um público mais amplo” (p.9), o que elas chamam de interessados e praticantes do ensino de história. Outro objetivo central do livro é ser um conjunto de verbetes mais preocupados com a “compreensão do que na extensão” (p.9). Embora tentem argumentar que não há uma orientação teórica específica e, portanto, optaram por uma linha plural de arranjo dos verbetes. A nós, ao penetrá-los, temos a sensação de ausência de organicidade e estrutura; pelo menos não fica claro em relação a quais

diretrizes de organização os autores seguiram. Nos referimos as perguntas de fundo ou questões orientadoras que permitem aos autores dos verbetes caminhar, não por cima, mas entre os protocolos de leitura. A disposição dos verbetes intercala entre aqueles mais definidos, ricos em reflexão e outros de pura exposição.

É evidente que uma obra dessa tenha sua importância quanto a necessidade de captar esse professor em formação continuada, que a muito tempo está distante dos debates conceituais e teóricos; e também de atingir os iniciantes ou iniciados nos estudos históricos ou/e ensino de história que querem se aproximar da caixa de ferramentas do historiador, sem que, com isso, se percam no bosque das epistemologias e filosofias das humanidades. Contudo, salta aos olhos a quase supressão de um exercício reflexivo que proporcione questionamentos, inquietações e alguma abertura crítica; alguns verbetes parecem quase opinativos em direção ao tema do ensino de história; colocado como secundário a discussão conceitual, exemplo do verbete “Acontecimento” (p.13).

É sabido, no entanto, que o ensino de história como campo de pesquisa produtivo e “novo” tem se apresentado como menina dos olhos de algumas universidades do Brasil. Seja pelo seu ar de “descoberta” recente pelos historiadores, seja por atrair interesse de

pesquisadores<sup>2</sup> já consagrados, para uma renovação em sua atuação enquanto pesquisador/professor. Em suma, o que queremos salientar aqui é que esse espaço vem sendo compositivo de uma arena de disputas. De um lado aqueles que já vinham se debruçando sobre esse objeto específico em programas de pós-graduação em educação e de outro os historiadores que perceberam a importância de compreender os mecanismos de ensino-aprendizagem de sua disciplina, tendo como condição para essa atuação, uma reflexão teórica e uma abordagem metodológica.

No Dicionário de Ensino de história, se atentarmos para a questão de disputa de saberes, no lugar de encontrarmos correlações, conexões e convergências entre ensino de história e ciência da educação (pedagogia), há sim absentismo. Isso pode ser verificado imediatamente no sumário quando os verbetes são organizados alfabeticamente com foros de suspensão de hierarquias, ao mesmo tempo em que na composição de cada verbete há uma hierarquização clara que estabelece o lugar do ensino de história como subalterno. Outro aspecto que nos chama atenção nessa obra, se refere àquilo que já apontamos e que em seu corpo não há como negar a intenção puramente expositiva, não desenvolvendo o conceito e pouco relacionando com o ensino de

---

<sup>2</sup>A título de exemplo podemos apontar para o historiador Ilmar Rohloff de Mattos que além de ser um conhecido estudioso de história do Brasil, tem se firmado como uma referência em estudos de ensino de história. cf. MATTOS, Ilmar Rohloff de. "Mas não somente assim!" Leitores, autores, aulas como texto e o ensino-aprendizagem de História. **Tempo**, Niterói. v. 11, n. 21, p. 5-16, June 2006.

história, quase que apresentando as explicações como definitivas. Em casos como o verbete “Apropriações” que fala do ensino de história de forma espalmada e corriqueira, deixa o conceito em si sem qualquer tratamento argumentativo, se firmando em chavões que o mais comum dos especialistas rejeitaria.

Em outros verbetes há um isolamento do conceito em prol de um exercício crítico descabido sobre o papel do ensino de história. Nem dá conta de fazer uma crítica com intenção de reforço positivo e nem dá conta de expor o conceito em sua plenitude. O desequilíbrio entre os verbetes é tão atente que da página 44 até a página 85 segue uma série de verbetes com tanta qualidade explicativa e crítica, que ainda que deem pouca atenção ao ensino de história, ao menos atendem a exigência do conceito de ser bem tratado em suas diversas matrizes e questionamentos. A título de exemplo, o verbete “Consciência Histórica”.

O autor privilegia o conceito expondo sua dimensão constitutiva, sua historicidade, seus principais propositores e comentadores, além de conduzir ao dialogo conceitos constelares, aprendizagem e apropriação, como colaboradores em sua discussão, ao que parece, deixa de ser meramente expositivo e, em pouco menos de quatro páginas, nos deixa na ânsia de mais.

Ao fim e ao cabo, o Dicionário de Ensino de história carrega consigo nossas esperanças de uma divulgação ampla sobre os

instrumentos da história e talvez sanar algumas dúvidas quanto a categorias estranhas aqueles que ainda não encontraram valor na prática docente e na sua dinâmica diária. Em outras palavras, o esforço coletivo é fundamental, mesmo que com fraturas, para que se democratize o conhecimento. Não se trata de doutrinação ou de dizer o que se deve fazer ou pensar, mas juntos apontar questões que fazem parte da estrutura social, e empreender uma reflexão que possibilite compreender e atuar como sujeito político.

Recebido em 19/10/19 aceito para publicação em 07/04/20